

## **Uma banca ao serviço da economia e dos cidadãos**

1 – No final de 2018, os indicadores do nosso sistema bancário situavam-se, em termos genéricos, na média europeia.

Foi um trajeto difícil, depois de enfrentar um conjunto, praticamente simultâneo, de choques intensos. Foi a recessão profunda e prolongada resultante das crises financeira e da dívida soberana e a mudança disruptiva que provocaram, com a diminuição dos rendimentos das famílias, depois de quatro décadas de aumento continuado, e com as dificuldades das empresas, em especial as mais endividadas, para cumprir o serviço da dívida, originando imparidades e NPLs. Foram as revoluções regulatória e tecnológica. Foi a perda reputacional, originada por erros próprios e alheios. Foi a política monetária de muito baixas (ou negativas) taxas de juro. Foram as mudanças de comportamento e preferências dos cidadãos/clientes. Foi o populismo, de esquerda e de direita, a aproveitar a crise instalada.

A recuperação e renovação da banca foram marcantes. Os nossos bancos estão de facto, muito mais capitalizados, o que lhes permite absorver perdas, mais sólidos, mais eficientes, mais rentáveis (embora com rentabilidade abaixo do custo de capital). Ao mesmo tempo, vêm desenvolvendo modelos de negócio ajustados às novas realidades e procedendo às exigências e oportunidades abertas pela tecnologia digital. E, quer a governação, quer a política e práticas de gestão de riscos têm sido muito aprofundadas e reforçadas.

O sector está mais resiliente e melhor preparado. Assim, o caminho percorrido devia ser mais reconhecido e valorizado, sem prejuízo de se saber que há ainda um trajeto de modernização a completar.

2 - As condições de exploração do sector merecem ainda preocupação.

A procura (solvente) é inferior à capacidade da banca nacional para financiar a economia, os cidadãos e os institucionais. O excesso de liquidez existente tem dificuldades de encontrar colocação com remuneração razoável. A margem financeira está esmagada pela política de baixas taxas de juro e a fonte complementar de receitas – as comissões por serviços – vive sob pressão, derivada, em grande medida, por erradamente se assimilarem os serviços bancários a serviços públicos gratuitos, quando a atividade bancária é uma atividade económica e concorrencial como as outras.

Proclama-se redução de custos como essencial (e é-o), mas ao mesmo tempo surgem custos acrescidos para responder às exigências regulatórias, de supervisão e de resolução, para suportarem as reestruturações em curso, designadamente para indemnizar os trabalhadores dispensados, para reforçar a formação e requalificação dos empregados, para realizar os investimentos em digitalização e modernização indispensáveis.

Repare-se que o rácio *cost-to-income* médio da banca nacional é, em cerca de 10%, melhor do que o da média da Euro Área.

### 3 – Para onde irá e como irá a banca?

Compreender a realidade e atuar com lucidez e atempadamente são determinantes para o fortalecimento do sistema bancário.

O futuro a médio prazo do sector bancário tem como principais condicionantes:

- o cliente, as suas necessidades e expectativas, os seus comportamentos e preferências;
- a inovação tecnológica, de ritmo avassalador, a capacidade de absorver os seus avanços e de reinvenção;
- a concorrência, com enfoque nos novos *players*, externos e internos ao sector;
- a envolvente política, geopolítica e económica (Guerra Comercial e Tecnológica EUA-China, Brexit, tensões no Médio Oriente e outras, preço do petróleo);
- a regulação e a supervisão, cuja eficiência, recalibragem e estabilização se exigem cada vez mais.

Olhando o futuro num horizonte temporal mais próximo, surgem como principais focos de atuação e desafios os seguintes:

- aprofundamento da gestão relacional com os clientes, foco central da atividade bancária;
- financiamento do crescimento económico gerador de prosperidade;
- cumprimento do quadro regulatório que vigora, incluindo os novos requisitos que vão sendo impostos, como os MREL;

- reforço da rentabilidade, visando o fortalecimento dos bancos e a motivação dos investidores do sector, com uma justa remuneração;
- aceleração dos avanços da transformação digital e do tratamento de dados e atenção máxima à cibersegurança;
- aprofundamento da *governance*, incluindo os temas comportamentais;
- soluções de resposta proativa à concorrência de novos *players*;
- mobilização e estímulo de todos os trabalhadores bancários, para compreender e agir correta e eficazmente na nova era digital, o que passa pela sua requalificação e sobrequalificação e pela atração de talento;
- contribuição ativa do sector em relação às preocupações ambientais e sociais, nomeadamente através das finanças sustentáveis.

4 - A satisfação das expectativas dos cidadãos em termos de melhoria das condições de vida e de prosperidade passa definitivamente pelo aumento da criação de riqueza.

Historicamente, em Portugal, os bancos foram e continuarão a ser motores da economia. A escassez de capital nacional e a exiguidade do mercado de capitais obrigam a banca a continuar a ser o seu grande financiador.

No fundo, uma banca ao serviço do cidadão e da sustentabilidade nas suas várias dimensões: sustentabilidade do planeta, da economia e do próprio sector.